



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE ESCOLAR NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DE UMA ALUNA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO MÉDIO

¹Lísias de Freitas Ribas da Rocha*

²Josefa Lídia da Costa Pereira

Eixo Temático: Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

Introdução

Assim como em qualquer profissão, do Educador Especial são também exigidos resultados quanto à aprendizagem dos seus alunos. Mas, o que pensar quando o resultado não é o esperado em termos de aprendizagem dos conteúdos escolares? Será que somente os conteúdos são relevantes nesse processo? O que mais deve ser levado em consideração no processo de inclusão escolar de um aluno?

O processo de inclusão garante a escolarização aos alunos público alvo da Educação Especial, porém alguns alunos com deficiência intelectual possuem um comprometimento cognitivo mais severo que muitas vezes dificulta a sua compreensão dos conteúdos escolares prejudicando a sua aprendizagem. Sua aprendizagem não pode ser apenas avaliada em conteúdos escolares, matemática, português, ciências... Esses alunos acabam aprendendo e desenvolvendo muito mais conhecimentos e experiências para a sua vida que imaginamos.

Os alunos com deficiência intelectual incluídos em classes comuns do ensino regular possuem o seu tempo de aprendizagem e, isso exige paciência e dedicação dos profissionais responsáveis pelo seu ensino, mas mesmo que em alguns momentos seu processo de

¹Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Educação Especial - Noturno, Pibid/Capes, liafr82@gmail.com

²Doutora em Educação Especial, Universidade Federal de Santa Maria, jlcpereira@gmail.com



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

aprendizagem não traga os resultados “academicamente” esperados, através de um olhar mais sensível para com esse alunado será possível observar seu progresso.

A socialização destes alunos é tão importante quanto a aprendizagem, as experiências vivenciadas durante o período de escolarização são de grande influência no seu crescimento e refletirá em suas atitudes nas demais relações permitindo adquirir habilidades que muitas vezes não seriam possíveis longe desse convívio social.

Sendo assim, a proposta deste trabalho é trazer um relato das experiências vivenciadas como bolsista do Programa de Iniciação à Docência Educação Especial em uma escola estadual da periferia da cidade de Santa Maria/RS. Por questões éticas a aluna será chamada pelo nome fictício de Helena.

Objetivo

Este artigo tem como objetivo relatar a trajetória e as experiências vivenciadas ao lado de uma aluna com deficiência intelectual no seu processo de escolarização dando enfoque aos aspectos sociais de seu desenvolvimento enquanto estudante dos anos finais do ensino médio.

Referencial Teórico

Pessotti (2012) afirma que “*a história da ideia de deficiência mental acompanha de perto a evolução da conquista e formulação dos direitos humanos[...]*”. A luta pelos direitos das pessoas com deficiência intelectual tem sido longa e difícil, mas com o passar dos anos

¹Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Educação Especial - Noturno, Pibid/Capes, liafr82@gmail.com

²Doutora em Educação Especial, Universidade Federal de Santa Maria, jlcpereira@gmail.com



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

seus direitos foram conquistados e nos dias de hoje os encontramos matriculados em classes comuns no ensino regular, muitos encontram-se no ensino superior.

As diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na educação básica, modalidade Educação Especial determina que:

“Art. 1º Para a implementação do Decreto nº 6.571/2008, os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no atendimento educacional especializado (AEE), ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos (BRASIL, 2009, p.17)”

No Brasil, a política de inclusão para deficientes intelectuais está alicerçada na definição e classificação das condições de deficiência mental proposta pela American Association of Mental Retardation (AAMR) é:

‘Deficiência caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, como expresso nas habilidades práticas, sociais e conceituais, originando-se antes dos dezoito anos de idade. (LUCKASSON e COLS., 2002, p.150).’

O termo Deficiência “Mental” era utilizado até pouco tempo atrás, mas com o passar dos anos passou a ser substituído por Deficiência “Intelectual”. Segundo Sasaki (2011) existem duas razões principais para que houvesse a troca do termo em diversos países:

‘A primeira razão tem a ver com o fenômeno propriamente dito. Ou seja, é mais apropriado o termo “intelectual” por referir-se ao funcionamento da mente como um todo. A segunda razão consiste em podermos melhor distinguir entre “deficiência mental” e “doença mental”, dois termos que tem gerado muita confusão há décadas, principalmente na mídia. Os dois fenômenos trazem o

¹Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Educação Especial - Noturno, Pibid/Capes, liafr82@gmail.com

²Doutora em Educação Especial, Universidade Federal de Santa Maria, jlcpereira@gmail.com



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

adjetivo “mental” e muita gente pensa que deficiência “mental” e “doença mental” são a mesma coisa (SASSAKI, 2011 p.153).’

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, cujo objetivo é descrever as experiências vividas com uma aluna com deficiência intelectual, nos anos finais de escolarização.

Análise de dados

Ao chegar à escola, a aluna Helena era completamente diferente do que hoje conhecemos. Era uma menina revoltada, agressiva, pode-se dizer que “mal educada”, utilizava palavras de baixo calão, brigava com professores e colegas. Em virtude de seu mau comportamento já havia passado por diversas escolas e a mãe já não sabia mais o que fazer com a filha.

A aluna possui grande comprometimento cognitivo e, por isso não compreende a maioria do conteúdo escolar. Ela conta até dez, sabe as letras do alfabeto, escreve o seu nome com letra bastão, mas não é alfabetizada. A aluna copia o conteúdo do quadro, mas não compreende o que está copiando. Nas diversas atividades realizadas na sala de recursos, o trabalho desenvolvido, geralmente envolvia o processo de alfabetização com a apresentação das letras e as sílabas, mas, contudo, a aluna não é alfabetizada.

Do ponto de vista da aprendizagem, esta aluna encontra-se muito atrasada quando comparada com os colegas, porém quanto a sua socialização, que no início era uma situação delicada e complicada, pois a menina não se adaptava às escolas por onde passou, pode-se dizer que hoje ela encontra-se totalmente inserida na comunidade escolar.

Resultados alcançados

Como Bolsista de Iniciação à Docência temos a gratificante oportunidade de estar em contato com a nossa futura área de atuação e com isso grandes aprendizagens são

¹Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Educação Especial - Noturno, Pibid/Capes, liafr82@gmail.com

²Doutora em Educação Especial, Universidade Federal de Santa Maria, jlcpereira@gmail.com



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

adquiridas. Com isso foi possível conhecer a realidade de uma aluna com deficiência intelectual nos anos finais de sua escolarização.

Mesmo com sua grande dificuldade de aprendizagem, os resultados de sua evolução enquanto menina/mulher são inúmeros. A aluna que chegou no sétimo ano, com grandes problemas de comportamento, passando por diversas escolas, não existe mais. Hoje Helena é uma adolescente de 19 anos completamente desenvolvida, com boas maneiras, educada, carinhosa que chega a surpreender a mãe com tamanha evolução em seu quadro social.

Podemos dizer que a inclusão de alunos com deficiência intelectual, por mais que o aluno não apresente um quadro de aprendizagem de conteúdos escolares com bons resultados, na maioria das vezes, traz grande benefício aos alunos, uma vez que estes deixam um ambiente restrito, vivenciando quase as mesmas experiências por estarem acostumados com uma determinada rotina, e passam a entrar em contato com pessoas de sua faixa etária que transmitirão novas experiências, possibilitando um mundo a ser explorados por eles.

Acreditamos que a grande vitória desta aluna nos prova o quão rico pode ser o processo de inclusão e que, o seu comprometimento cognitivo não interfere em suas experiências adquiridas, ela pode crescer e aprender muito com as novas experiências que serão vivenciadas em sua inclusão escolar. Pode-se dizer que a aluna Helena é uma vitória

¹Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Educação Especial - Noturno, Pibid/Capes, liafr82@gmail.com

²Doutora em Educação Especial, Universidade Federal de Santa Maria, jlcpereira@gmail.com



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

da inclusão, dos profissionais, colegas, amigos e familiares que se comprometeram, mesmo que involuntariamente, neste processo.

Palavras-Chave: Escolarização. Deficiência Intelectual. Socialização

Referências

PESSOTTI, I. **Deficiência Mental: da superstição à ciência**. Marília, SP: ABPEE, 2012. 204 p.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB n.4/2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.

CARVALHO, E. N. de; MACIEL, D. M. M. A. **Nova concepção de deficiência mental segundo a American Association on Mental Retardation - AAMR: sistema 2002**. Temas

¹Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Educação Especial - Noturno, Pibid/Capes, liafr82@gmail.com

²Doutora em Educação Especial, Universidade Federal de Santa Maria, jlcpereira@gmail.com



Comunicação Científica de Iniciação à Docência

em Psicologia da SBP—2003, Vol. 11, no 2, 147– 156. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v11n2/v11n2a08.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2017, 22:09:00.

MENEZES, E. C. P.da; CANABARRO, R. C. C; MUNHOZ, M. A. Deficiência Intelectual. In: _____. **Atendimento Educacional Especializado: Contribuições para a Prática Pedagógica**. Santa Maria: UFSM, CE, Laboratório de Pesquisa e Documentação, 2014. p. 152 – 203.

¹Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Educação Especial - Noturno, Pibid/Capes, liafr82@gmail.com

²Doutora em Educação Especial, Universidade Federal de Santa Maria, jlcpereira@gmail.com